



O TRABALHO DE ONTEM, DE HOJE E DE AMANHÃ: O OLHAR DE JOVENS PARTICIPANTES DO PROGRAMA DE EGRESSOS DAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS DE RESTRICÇÃO À LIBERDADE

THE WORK OF YESTERDAY, TODAY AND TOMORROW:
THE LOOK AT YOUNG PARTICIPANTS IN THE PROGRAM FOR THE GRADES
OF SOCIO-EDUCATIONAL MEASURES TO RESTRICT LIBERTY

Gabriel Miranda de Souza¹
Mara Marçal Sales²

RESUMO: Este estudo focalizou o público formado por jovens egressos de medidas socioeducativas que aderiram voluntariamente à participação no Programa *Se Liga*, de iniciativa do Governo do Estado de Minas Gerais, que tem como foco acompanhar adolescentes desligados das medidas socioeducativas de semiliberdade e/ou internação, oferecendo tanto o acompanhamento individual quanto o acompanhamento à rede socioassistencial. O objetivo geral da pesquisa foi analisar os sentidos atribuídos pelos jovens às atividades laborais. A pesquisa fez uso de uma abordagem qualitativa e a coleta de dados baseou-se na realização de entrevistas semiestruturadas. Participaram da investigação 05 (cinco) jovens que apresentaram, em algum momento do acompanhamento no Programa *Se Liga*, demanda por emprego ou profissionalização. Posteriormente, para análise dos dados, utilizou-se o método de análise de conteúdo. Para melhor compreensão dos resultados, focou-se na percepção dos jovens frente ao trabalho em três tempos: o ontem, o hoje e o amanhã. Os resultados mostram que o ingresso no mercado laboral é, para os jovens, uma das formas possíveis de se incluírem socialmente. Contudo, estes sujeitos se deparam com grandes dificuldades de inserção, uma vez que fazem parte de um grupo marcado por estigmas sociais, baixa escolaridade e, por vezes, não possuem experiências de trabalho formal - fator relevante para se conseguir emprego. Este estudo apontou, também, que a trajetória de vida dos jovens influencia o sentido dado por eles ao trabalho. Ou seja, quando estavam envolvidos com a criminalidade, o trabalho se relacionava a práticas ilegais. No momento atual, após o acautelamento e a entrada no Programa de Egressos, o trabalho passou a ser idealizado e as expectativas profissionais passaram a se confundir com as profissões associadas ao sistema de recuperação.

PALAVRAS-CHAVE: Medidas Socioeducativas; Juventude; Ato infracional; Trabalho.

ABSTRACT: This study focused on the public formed by young graduates of socio - educational measures who voluntarily joined the participation in the *Se Liga* Program, an initiative of the Government of the State of Minas Gerais, which focus on accompany adolescents who are disconnected from socio - educational measures of half freedom and / or hospitalization, offering both individual and follow-up support to the socio-welfare network. The general objective of the research was to analyze the meanings attributed by young people to work activities. The research used a qualitative approach and data collection was based on semi-structured interviews. Fifteen (5) young people who participated, at some point in the follow-up in the *Se Liga* Program, participated in the investigation, demanding employment or professionalization. Subsequently, for the analysis of the data, the content analysis method was used. For a better understanding of the results, the focus was on young people's perception of work in three times: yesterday, today and tomorrow. The results show that entering the labor market is one of the possible ways for social inclusion of young people. However, these subjects face great difficulties of insertion, since they are part of a group marked by social stigmas, low schooling and sometimes do not have experiences of formal work - a relevant factor to get an employment. This study also pointed out that the life trajectory of young people influences their sense of work. in the way these constitute the meanings related to work. That is, when they were involved in crime, work was related to illegal practices. At the present moment, after the caution and step into the Egress Program, the work became idealized and professional expectations started to be confused with the professions associated to the recovery system.

KEYWORDS: Socio-educational Measures; Youth; Infraction act; Job.

¹ Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, unidade São Gabriel. E-mail: gabriel.souza21@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, professora da faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, unidade São Gabriel.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada surgiu a partir da prática profissional de um dos autores no Programa *Se Liga*, iniciativa do Governo do Estado de Minas Gerais de acompanhamento a adolescentes e jovens egressos das medidas socioeducativas de internação e semiliberdade. Esta experiência mostrou, por um lado, haver grande interesse destes jovens em sua inserção no mercado de trabalho formal. Mas, ao mesmo tempo, ela também mostrou haver grande dificuldade de entrada destes sujeitos no mercado de trabalho.

Esta investigação teve como foco o público formado por jovens egressos de medidas socioeducativas de internação e semiliberdade que cumpriram medida por diversos atos infracionais e que aderiram voluntariamente à participação no Programa *Se Liga*. O objetivo geral foi analisar os sentidos que o trabalho possui na trajetória destes sujeitos. Ademais, pretendeu-se: a) investigar se o contexto social e a trajetória de vida influíram no olhar dos jovens sobre o trabalho; b) analisar o olhar que os jovens estabelecem entre trabalho e criminalidade e c) compreender as perspectivas futuras de trabalho que estes jovens identificavam para si.

Reis (2016) apresenta uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que indica que o número de jovens com idade entre 14 e 29 anos no Brasil chegou a 52,5 milhões, em 2014. Já os jovens com idade entre 18 a 24 anos (faixa etária dos entrevistados) representavam 22,6 milhões de brasileiros. O estudo ainda mostra que 13,8 milhões dos jovens com idade média de 18 a 24 anos exercem algum trabalho formal ou informal, o que evidencia uma elevada taxa de desemprego para estes jovens.

Para Abramovay et al. (2002), morar em área violenta ou periférica e não possuir experiência profissional pode influir negativamente na inserção destes jovens no mercado de trabalho. Os autores apontam também a grande defasagem escolar dos jovens egressos das medidas socioeducativas como um empecilho à conquista de um emprego formal em condições saudáveis.

Um levantamento elaborado por Jacobina e Costa (2007) indica que, para os familiares dos jovens, o viés educacional seria o meio adequado para o abandono da criminalidade. Porém, a investigação mostrou que o processo educativo pouco aparecia na fala dos próprios jovens. Eles, diferentemente de seus familiares, apontavam que a mudança de comportamento se vinculava à inserção no mercado de trabalho.

Considerando que, sob o ponto de vista da teoria marxiana, o trabalho possui centralidade e uma função reguladora para a entrada na sociedade (BENDASSOLLI, 2009) e a dificuldade de inserção dos jovens no mercado laboral, sobretudo dos egressos dos sistemas soci-

oeducativos (JUNQUEIRA; JACOBY, 2006), faz-se importante entender os significados e sentidos que os próprios jovens em conflito com a lei atribuem ao trabalho.

A leitura tradicional toma, frequentemente, os jovens como sujeitos a serem socializados pelos adultos e, por muito tempo, eles não eram escutados, pois eram considerados como incapazes de constituir sentido para sua própria realidade vivida (CARRER; COSTA, 2017). Em direção oposta, esta pesquisa se propôs a escutar os jovens como meio de conhecer as suas realidades e valorizar a maneira como estes produzem sentidos para a vida.

2 A NOÇÃO DE JUVENTUDES E OS SENTIDOS DO TRABALHO

No tocante à juventude, a presente pesquisa pautou-se por um olhar que considera a perspectiva da diversidade: “é nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes” (DAYRELL, 2003, p.42).

Constituir a ideia de juventudes implica então em um grande esforço, uma vez que importa, primeiramente, um olhar sobre a influência histórica e cultural, além da percepção de que não se trata apenas da formalização de uma categoria, mas sim, como afirma Dayrell (2003, p.41) de “uma condição social e um tipo de apresentação”.

Nesta mesma perspectiva, para Dayrell (2003, p. 42):

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta. [...] Assim, a adolescência não pode ser entendida como um tempo que termina, como a fase da crise ou de trânsito entre a infância e a vida adulta, entendida como a última meta da maturidade. Mas representa o momento do início da juventude, um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais.

Refutar uma noção de juventude única, padronizada e estanque significa considerar as diferentes possibilidades de ser jovem, as distintas trajetórias que se apresentam nesta fase da vida e, igualmente, os diferentes valores que estes sujeitos podem atribuir aos principais atores e processos que se apresentam nesta fase, como a família, a vivência da afetividade e a assunção de responsabilidades típicas do mundo adulto. E, dentre as temáticas que se fazem importantes para as juventudes está, certamente, o trabalho.

Andery et al. (2012, p.399) mostram que, “para Marx, a base da sociedade, assim como a característica fundamental do homem, está no trabalho. É do e pelo trabalho que o ho-

mem se faz homem, constrói a sociedade, é pelo trabalho que o homem transforma a sociedade e faz história”. Para Marx (1984 apud ANDERY et al., 2012, p.403),

podemos distinguir o homem dos animais pela consciência, pela religião ou pelo que se queira. Mas o homem mesmo se diferencia dos animais a partir do momento em que começa a produzir seus meios de vida, passo este que se acha condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material.

Com relação ao trabalho, Goulart (1998 apud FONSECA, 2003, p.31) relata que “o trabalho é uma atividade humana que envolve o homem todo (suas dimensões física, psíquica e social) no seu cotidiano e exerce importante papel na própria construção da subjetividade humana”. Reconhecer o espaço ocupado pelo trabalho na vivência humana, todavia, implica em um esforço de aproximação com os diferentes olhares que se podem lançar para a dimensão laboral. E, certamente, as diferentes juventudes podem construir representações muito específicas sobre este tema.

Desta forma, dado que esta pesquisa propõe entender, de uma maneira geral, a percepção dos jovens sobre as representações do trabalho, optou-se por focar o conceito de sentido. Os conceitos de significado e sentido, como afirmam Barros et al. (2009), são importantes para se investigar questões de significação e da cultura, ou seja, captar dimensões relevantes do mundo socialmente construído e compartilhado. Compreende-se aqui, a partir da leitura de Bendassolli e Gondim (2014), que o significado do trabalho parte de uma compreensão compartilhada e envolve, dentre outras, questões históricas e econômicas. Já a compreensão de sentido está atribuída à história de vida singular e experiência subjetiva do sujeito.

Assim, a análise dos sentidos permitirá, no presente estudo, abordar as nuances subjetivas e os aspectos sociais que envolvem o contexto de vida dos sujeitos em relação à trajetória de atos infracionais e ao trabalho.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa aqui apresentada fez uso do método qualitativo. Segundo Minayo, Deslandes e Gomes (2002), tal método possibilita abranger a totalidade do problema investigado em múltiplas dimensões. Assim, para esses autores, a pesquisa qualitativa procura compreender de maneira totalizante aquilo que não pode ser medido.

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas. Foram convidados 05 (cinco) jovens egressos de medidas socioeducativas, que cumpriram me-

dida em internação e/ou semiliberdade e aderiram voluntariamente à participação no Programa *Se Liga*. As entrevistas citadas no texto são resultado do trabalho de campo realizado na cidade de Belo Horizonte em março de 2018, vale dizer ainda que cada jovem foi submetido a uma entrevista. Sobre o Programa *Se Liga*, importa dizer que é fruto de uma parceria entre Secretaria de Segurança Pública (SESP), por meio da Subsecretaria de Atendimento às Medidas Socioeducativas de Minas Gerais (SUASE) e o Instituto Jurídico para Efetivação da Cidadania (IJUCI) e tem por finalidade acompanhar adolescentes desligados das medidas socioeducativas de semiliberdade e/ou internação no Estado de Minas Gerais, oferecendo o tanto o acompanhamento individual quanto o acompanhamento à rede do jovem incluído, ou seja, família, amigos, cônjuges e etc. Os eixos de abordagem do Programa são: educação, profissionalização, trabalho e renda, cultura, esporte e lazer, saúde e família.

Usou-se também como critério de convite para a entrevista jovens que tivessem construído, em algum momento do acompanhamento, demanda de emprego ou profissionalização. Em relação às entrevistas, aplicou-se um roteiro de entrevista individual semiestruturada. Foi utilizado um gravador (com prévia autorização dos convidados).

Queiroz (1988 apud Duarte, 2002) aponta que a entrevista semiestruturada se constitui como uma técnica de diálogo dirigido e direcionado pelo entrevistador. A técnica é composta por perguntas prontas, mas quando necessário, o pesquisador tem a liberdade para levantar novas questões que considera pertinentes.

Ressalta-se ainda que foram adotados cuidados éticos que respeitaram os entrevistados, preservando sua identidade e privacidade. Para isto, fez-se uso de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), além de se informar aos entrevistados sobre os objetivos e a metodologia da pesquisa, bem como garantir-lhes o anonimato através da utilização de nomes fictícios. Considerando que os jovens acima de 18 anos se veem mais pressionados a ingressarem em uma atividade ocupacional, como afirmam Jacobina e Costa (2007), restringimos a realização desta pesquisa somente àqueles que atendiam a este perfil.

Os dados recolhidos em campo foram transcritos e analisados utilizando o método de análise temática de conteúdo. Bardin (1977) defende que a análise de conteúdo tem como objeto de estudo o registro presente em um texto, documento ou, como neste caso, uma fala.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização dos entrevistados

Abaixo são apresentadas as características gerais dos entrevistados. A raça/cor foi obtida por autodeclaração dos entrevistados:

QUADRO 01 – Caracterização dos Jovens

Nome fictício	Idade	Raça/Cor	Escolaridade	Composição familiar	Renda familiar
Guilherme	19	Moreno	Fundamental Incompleto	Mãe; Avó; Irmãs; Irmãos; Primos.	1.000,00
Pablo	19	Negro	Médio Incompleto	Mãe; Irmãos.	1.800,00
Michael	19	Negro	Fundamental Incompleto	Tia; Mãe.	Não soube dizer
Peterson	19	Branco	Médio Completo	Pai; Mãe; Irmãos.	1.800,00
Lucas	22	Branco	Médio Completo	Mãe; Irmão; Irmãs; Pai.	2.500,00

Fonte: Elaborado pelos autores com dados extraídos das entrevistas.

Dentre os entrevistados, aqueles que concluíram o ensino médio o fizeram após o cumprimento da medida socioeducativa.

Os participantes desta pesquisa apresentaram diferentes olhares sobre o trabalho, porém, sempre levando em consideração o passado, o momento vivido ou o ideal que pretendiam atingir. Assim, a análise de dados enfocou a percepção dos jovens frente ao trabalho em três tempos: o ontem, o hoje e o amanhã.

4.2 O trabalho ontem

De antemão, se faz necessário tratar do ato infracional – aspecto presente na vida de todos os sujeitos entrevistados. De acordo com Araújo et al. (2016), o ingresso da juventude na prática de atos infracionais ocorre de maneira multifatorial.

Para Ayres et al. (2012) o perfil de jovens que cometeram atos infracionais acaba por se confundir com os grupos socialmente conhecidos por serem vitimados por vulnerabilidades e estigmatizados como marginais. Contudo, faz-se necessário apontar que a pobreza ou qualquer outro fator isolado não se torna uma condição exclusiva na escolha pela prática de atos infracionais.

Gallo e Williams (2005) indicam que atos infracionais são a maneira possível e de rápido acesso dos adolescentes e jovens à sociedade capitalista e de consumo. Outro elemento significativo é o fator educacional. Pesquisas realizadas por Araújo et al. (2016) indicam que, quanto menor o acesso à educação, maior a probabilidade de entrada em atividades infracionais.

No que diz respeito às características físicas dos jovens em conflito com a lei, Nascimento, Avellar e Barbosa (2013, p.156) afirmam existir uma questão “étnica, racial e classista na formação do cidadão brasileiro”. Faz-se possível pensar hoje em uma marginalização do jovem negro e de classes sociais vulneráveis. Estes sujeitos encontram mais dificuldades devido às marcas sociais que carregam, o que representa um desafio no momento de conseguir um emprego ou demais oportunidades de mobilidade social.

De fato, para todos os jovens entrevistados, a primeira porta para o trabalho foi aquela que tinha relação com atividades ilegais. E o exercício destas atividades é por eles associado a diferentes sentidos. Alguns jovens disseram que o principal fator motivador para o cometimento do ato infracional diz respeito à ausência de oportunidades de emprego e profissionalização:

[...] apesar de que eu não estudei muito, eu não tinha oportunidade de emprego (Michael).

O que me levou a atuar mesmo foi as oportunidades que não existiam, falta de oportunidade, as oportunidades não vêm, aí acaba que você vai lá e faz (Guilherme).

Como já discutido, estes jovens estão, por vezes, expostos a violações de direitos e enfrentam estigmas, o que dificulta sua entrada no mercado de trabalho formal. Soma-se a isso a falta de acesso aos serviços públicos de profissionalização e acompanhamento social.

A relação que os jovens mantêm entre a insuficiência de acesso a oportunidades de ascensão social, trabalho e o envolvimento com a criminalidade se apresenta de maneira muito complexa. Todos entrevistados disseram que, quando estavam envolvidos no crime, consideravam atividades como tráfico, roubo e fazer favores a traficantes como trabalho:

O que me motivou foi a droga, dinheiro [...] eu pegava a droga para revender e era considerado trabalho, mas representava também risco de morte. O tráfico, né, e roubo também. Isso não é trabalho pelas leis e nem pela Constituição, mas creio que para quem não liga é um trabalho sim (Peterson).

No crime não tem nada que é trabalho não, bom hoje eu acho que não, mas antes quando um cara ia buscar um suco, um cigarro, uma seda, vai lá pagar aquilo pra mim, isso é um trabalho, o cara tá fazendo um corre (Guilherme).

[...] tinha o plantão né, uma noite era eu e outra noite era ele, aquilo ali para mim era tipo um trabalho, tinha dinheiro (Pablo).

Tendo em vista os aspectos observados, vale dizer que a perspectiva do tráfico de drogas, enquanto trabalho, é cerne de uma grande discussão. Por um lado, temos a perspectiva que, partindo da proposição marxiana, considera o trabalho fonte de humanização (ANDRADE FILHO, 1999; NAVARRO; PADILHA, 2007). E, neste sentido, a associação entre o tráfico e o trabalho causa estranhamento. Por outro lado, existe o olhar que defende o tráfico enquanto categoria de trabalho informal e/ou ilegal, baseando-se, dentre outras, na teoria das drogas como mercadorias que satisfazem certas necessidades humanas e que dependem de processos de trabalho para sua produção e distribuição (FEFFERMANN, 2006; VILELA; BARROS, 2016).

Através das entrevistas percebemos uma entrada precoce destes jovens na prática infracional, sobretudo no que diz respeito ao tráfico de drogas:

[...] antes do acautelamento eu vivia uma vida, digamos assim, iludida porque para começar eu entrei na vida do crime com doze anos de idade, então era uma criança, praticamente uma criança, eu não tinha influência, mas eu tinha convívio, entendeu? (Lucas).

Malvasi, Jimenez e Levi (2016) relatam que a média de idade para entrada no narcotráfico tem sido reduzida com o passar dos anos: nos anos 1990, a média de idade concentrava-se entre 15 a 16 anos; a partir dos anos 2000, a média baixou para a faixa entre 12 e 13 anos.

Foi comum os entrevistados indicarem que o tráfico se apresentava enquanto principal fonte de renda, seguido pelos assaltos e, após estes, outras atividades consideradas como atos infracionais. Malvasi, Jimenez e Levi (2016, p. 47) declaram que o tráfico é “um mercado que aceita os jovens de acordo com a especialização e características pessoais”.

Alguns jovens descreveram o trabalho no tráfico como meio de alcançar alguma ascensão social. Pablo relata:

[...] quando eu era traficante eu vendia droga para meu primo, ele cresceu e colocou eu e meu outro mano para vender e poder crescer também.

Malvasi, Jimenez e Levi (2016, p. 61) apontam uma dupla vulnerabilidade sofrida por esses jovens que são, “os apelos violentos da sociedade de consumo e a sua situação de po-

breza”. Para as autoras, esta combinação pode resultar na exploração de crianças, adolescentes e jovens, que são os mais suscetíveis a se sentirem afetados pela exclusão social.

Contudo, Meirelles e Minayo Gomes (2009) relatam que mesmo com todos os atravessamentos sociais e os atrativos ofertados pelo tráfico, este pode também possuir uma configuração negativa a partir da experiência de cada um, gerando assim diversos motivos para a desistência da atuação infracional. Dentre os principais fatores de desistência/saída do mundo do crime estão “medo de morrer por traição ou conflito armado, ameaças de castigo e tortura ou ‘vacilo’ e frustrações de expectativas econômicas” (MEIRELLES; MINAYO GOMES, 2009, p.1801).

Outro ponto marcante na relação de trabalho dos jovens com o tráfico e, que, por vezes, impede o abandono da prática infracional, diz respeito a tornar-se conhecido pelas gangues rivais e a polícia. Por isso, importa que o jovem esteja aliado a algum grupo que faça sua proteção. Há também o desejo por vingança contra a morte de alguém, o que geralmente resulta na filiação a facções rivais daquele que realizou o homicídio. Isto pode ser percebido através do seguinte relato:

Eu envolvi mais nessas coisas erradas por causa da morte do meu pai, porque eu morava perto dos caras lá que mataram ele e eu conhecia os caras, eu sabia que os caras só estavam esperando eu ficar mais velho porque quando eu ficar mais velho, eu ia saber que eles mataram meu pai e iria querer matar eles também. Mas eu deixei isso nas mãos de Deus. Foi por causa disso que eu decidi entrar, por causa da morte do meu pai mesmo (Pablo).

De acordo com Malvasi, Jimenez e Levi (2016), o desejo por vingança é uma questão complexa, uma vez que não é incomum que os jovens estejam desejando vingar a morte de chefes do tráfico que nunca conheceram ou lutando em guerras cujas origens eles não presenciaram.

Destaca-se ainda que o trabalho na criminalidade ganha, para os jovens, sentido de poder. Assim, para parte dos jovens, a expectativa de exercer poder e, por consequência, influência em seu território, marca o início da trajetória no crime:

Pensei que eu ia ficar com esse poder igual eles falam aí (Peterson).

Para Costa (2004) esta sensação de poder marca a entrada em alguns grupos, o que permite aos jovens a oportunidade de serem “vistos”. Outro elemento presente nas entrevistas foi o chamado “respeito”. Segundo os jovens, o envolvimento com o trabalho no crime era sinônimo de ser respeitado pelos demais membros da comunidade:

Cara, eu tinha uma certa ilusão do tal do respeito, sabe, daquele tal do poder [...] “ - eu quero ser o tal e vou ser e vou trabalhar para isso” (Lucas).

Segundo Lyra (2013), toda sociedade possui ritos de passagem e, a partir do contexto de cada uma, os sujeitos vão se ajustar para responder a estes ritos e, assim, se sentirem acolhidos em uma nova fase da vida. Contudo, de acordo com Kehl (2004), para nossa sociedade, faltam ritos que representem o ingresso na vida adulta, fazendo com que os jovens criem novos ritos. Neste sentido e, segundo a pesquisadora, para os jovens, a busca pelo “respeito” representaria uma forma de ingresso na vida adulta.

Portanto, se fez possível perceber que a experiência no crime possui sentidos amplos para os jovens. O crime, associado a um tipo de trabalho, é, então, caracterizado, dentre outros, pelas possibilidades de retorno financeiro e de ingresso em novos grupos.

4.3 O trabalho hoje

Os jovens, a partir da experiência de vida e, sobretudo tendo como principal marco o acautelamento e suas variantes, passaram a construir outros sentidos para o trabalho. Na fala de Michael é possível perceber que, enquanto estava envolvido com a criminalidade, o tráfico se configurava enquanto trabalho uma vez que:

Eu considerava que eu vendia droga, eu tinha uma forma de ganhar dinheiro, isso para mim é uma forma de trabalho porque era como eu ganhava dinheiro. Mas hoje eu não considero trabalho porque eu não quero ficar preso. Eu posso vender bala, água, eu vou ganhar pouco, mas todo dia que eu tiver ali vendo uma bala, uma água, um iogurte, eu vou estar intimado de que eu tô melhor do que estar lá na favela vendendo droga e ficar preso cinco, dez anos perdendo minha vida (Michael).

Como fica claro, o jovem reconsidera sua posição inicial. Este movimento foi um marco comum nos depoimentos dos entrevistados. Entre os jovens, foi constante o discurso que passou a desconsiderar a atuação infracional como atividade laboral, passando ao reconhecimento e valorização das atividades legalizadas.

Sobre o ingresso no mercado de trabalho, a maior parte dos entrevistados relatou ter vivenciado uma entrada em empregos que possuem pouco prestígio social. As experiências de trabalho dos jovens estão sistematizadas no quadro a seguir:

Quadro 02 – Experiências de trabalho dos entrevistados

Guilherme	Pablo	Michael	Peterson	Lucas
Ajudante de pedreiro (Informal)	Vendedor (Formal)	Vendedor de cachorro quente (Informal)	Cabeleireiro (Informal)	Atendente de <i>call center</i> (Formal)
--	--	Vendedor de água (Informal)	Office boy (Formal)	Promotor de vendas (Formal)
--	--	--	Vendedor (Informal)	Cobrador de transporte coletivo (Formal)

Fonte: Elaborado pelos autores com dados extraídos das entrevistas.

O quadro 02 revela que os jovens entrevistados realizaram, predominantemente, trabalhos informais. Sobre o trabalho informal Matsuo (2009, p.26) relata:

O setor informal é denominado por pequena produção, fora do âmbito normativo oficial e definido como o conjunto das atividades econômicas em que o produtor direto, de posse dos instrumentos de trabalho e, com o auxílio da mão de obra familiar e alguns ajudantes, produz bens ou serviços.

Considerando que existe, por parte dos jovens, uma expectativa em relação à inserção no mercado de trabalho, o que por vezes ocorre de maneira precoce, Pereira e Sudbrack (2003 apud JACOBINA; COSTA, 2007, p.100) apontam que:

Além do trabalho ser um modo de sustento individual e familiar para os jovens, a inserção precoce no mundo do trabalho constitui uma forma de atingir a independência financeira necessária para manter a autoestima e o respeito da comunidade, uma possibilidade de maior autonomia perante os familiares e uma forma de manter a mente e o corpo ocupados.

Lucas, de 22 anos, foi o entrevistado com maior número de experiências de trabalhos formais e, assim, expressa com maior fluidez sobre essa questão:

Cara, eu já trabalhei na empresa de *call center*, já trabalhei como promotor de vendas em Cataguases e até como cobrador de ônibus eu cheguei a trabalhar, eu trabalhei nisso um ano e dois meses. Essa experiência do ônibus foi muito interessante porque antigamente eu era muito intolerante, não tinha paciência com ninguém, o bom dia e boa tarde era para poucas pessoas, sabe? E, de certa forma, o trabalho, a escola e a medida foram muito importantes na minha vida porque eu me tornei outra pessoa, hoje eu sou outro ser humano.

[...] Então o trabalho não só dignifica o homem como agrega muitos valores na vida, cara. A pessoa trabalhando vai ser mais independente, no trabalho você aprende a respeitar o próximo e a ter mansidão e domínio próprio.

Na fala de Lucas, percebemos que o trabalho assumiu lugar de propulsor do desenvolvimento, explicitando a sua importância para a vida. A este respeito, Fonseca (2003) defende que a inserção no mercado de trabalho formal e, conseqüentemente, em uma organização, exerce influência na percepção de si próprio e da sociedade em que se vive.

Na fala de Peterson é possível observar que o trabalho se apresenta associado a valores positivos:

[...] honestidade, tipo, uma coisa assim que é de bem, que você está ali correndo atrás pelo certo. Eu entendo que o trabalho é isso: justiça, igualdade.

Dado que o contexto vivenciado pelos jovens influi de modo relevante na maneira como eles compreendem o trabalho, fez-se pertinente indagar aos jovens sobre as representações do trabalho em seu contexto social. A partir disto, avaliamos que, geralmente, as escolhas profissionais feitas pelos jovens são subsidiadas com base na ocupação de amigos, cônjuges e/ou familiares, muitas vezes refletindo os valores destes.

Assim, quando questionado sobre o valor do trabalho para as pessoas que compõem seu círculo social, Pablo diz que o trabalho representa:

[...] tudo, né, para minha mãe principalmente, para ela manter a casa dela, ela mora de aluguel. Tem que trabalhar, né.

Para Peterson, o trabalho:

[...] significa bastante coisa para essas pessoas, porque o rendimento traz o lucro e ajuda na renda e para gastos. A pessoa quando está trabalhando sonha em conquistar alguma coisa e, no período certo, vai juntando e vai juntando.

Assim, ao ser provocado sobre a representação do trabalho em sua vida, Michael diz:

Trabalho é uma palavra forte, é oportunidade, é crescimento, é muita coisa e várias coisas boas. Na minha vida, o trabalho representa tudo, o trabalho é alegria porque, para mim trabalhar, eu tenho que gostar do que eu faço, do trabalho, eu estando na área eu tenho que atuar da melhor maneira. Trabalho é isso, você tem que gostar do que você faz, ajudar e ser ajudado [...]. No seu local de trabalho, não é só trabalho, tem as pessoas que você convive, é uma outra vida fora da sua casa, na sua casa você tem uma vida e no trabalho você tem outra.

Vemos que, para os jovens, o trabalho tem amplo sentido, mas que, sobretudo, tem se apresentado enquanto perspectiva de mudança social. Nos discursos apresentados, é atribuído certo valor moral ao trabalho. Segundo Pereira e Sales (2016, p. 121) “o trabalho tem função

social e simbólica, que vai além da tarefa de suprir as necessidades individuais básicas”, sendo a partir dele, meio para se alcançar mudanças positivas e realização projetos de futuro.

Contudo, faz-se importante dizer que o trabalho também é frequentemente associado a um dever, perspectiva que, não raro, apresenta forte viés moralizante (BENDASSOLLI, 2009). Nos depoimentos, esta vinculação com a moralidade esteve muito presente quando foram abordados os temas da medida socioeducativa, do programa de egressos e da atividade laboral. Focalizando as medidas socioeducativas, Aleixo (2014) em uma crítica a ausência de políticas públicas e a precariedade/descaso com os serviços de prevenção, argumenta que as prisões são o verdadeiro projeto para a juventude brasileira.

Provocados a pensar sobre os efeitos do cumprimento da medida socioeducativa, investigamos como os jovens percebiam o acautelamento e como este interferiu no olhar que os mesmos possuem hoje sobre o trabalho. Os entrevistados apresentaram uma visão positiva quanto às medidas socioeducativas e seus efeitos, mostrando que a medida, por vezes, propicia um espaço para reflexão e elaboração de novas perspectivas.

A fala de Guilherme é ilustrativa:

Os efeitos da medida também é que a gente aprende várias coisas positivas, é até difícil de explicar, porque, sei lá, a medida ajuda a pensar mais nas coisas, ajuda a gente a pensar direito.

Já Pablo diz:

[...] eu fiquei um cara, antes para eu fazer as coisas já ia e fazia, agora para fazer as coisas eu penso duas vezes. Lá foi “diferentão”. No começo é foda, mas depois você vai vendo as coisas e sabe que uma hora sai dali, tem gente que sai pior e tem gente que sai melhor um pouquinho. Eu me considero que sai de lá melhor do que eu entrei, porque se eu fosse como era de menor tinha marcado aqui com você e nem teria aparecido.

Para Peterson, o jovem que já cumpriu medidas de semiliberdade, liberdade assistida, prestação de serviços à comunidade e internação, além de uma breve passagem pelo sistema prisional, o que mais influenciou seu movimento de saída da criminalidade foi ter tido acesso ao programa para egressos:

Teve muito efeito, apesar da internação e das outras medidas não servirem para eu voltar a cometer os atos de novo, o Programa *Se Liga* me ajudou muito me dando oportunidade de emprego para trabalhar como cabeleireiro e me deu material e curso.

Aleixo (2014) ressalva que, mesmo com todos os seus defeitos e dificuldades, o modelo de medida socioeducativa brasileiro é exemplar quando comparado a modelos de cunho mais vingativo.

Dito isto, passamos a fala do jovem Michael que ilustra:

A medida mostra pra mim que tem um lado melhor, né, de você conseguir passar por cima do que você fez na vida, você se tornar uma pessoa diferente [...] dá também oportunidade de fazer um SENAI³, coisa que você acha que nunca vai poder fazer na vida, entendeu, o cara acha que nunca vai fazer.

Assim, o processo de medida socioeducativa representaria o que Costa e Assis (2006) chamaram de promovedor de fatores de proteção. A fala de Lucas elucida essa afirmativa:

A medida foi libertadora [...] a medida me ajudou a enxergar que eu não era só aquilo que a sociedade falava. E [pessoas] chegaram a falar para minha mãe: “olha, você pode comprar o caixão que você vai enterrar ele”. Isso para mim era desafiador e eu queria matar todo mundo que falou, mas não é assim que funciona, né.

4.4 O trabalho amanhã

Nesta pesquisa, os jovens foram convidados a refletir sobre as projeções que faziam sobre o horizonte profissional. Foi muito comum a indicação de um desejo por atividades que oferecessem algum retorno à sociedade e, especialmente, a menção de atividades que passaram a cercar os jovens no cumprimento das medidas socioeducativas. Assim, os jovens falaram sobre o ideal de trabalhar com assistência social, em ONG's e, às vezes, mencionaram o trabalho realizado pelo Programa *Se Liga* como aquele de interesse.

Este relato fica claro na fala de Peterson:

Seria tipo uma ONG, porque eu sempre gostei de estar ajudando ao próximo, é isso, amar ao próximo. Tem o *Se Liga* também, gosto muito do trabalho deles, ajudar as pessoas a sair do crime e disponibilizar empregos e curso, esse seria o trabalho ideal.

No discurso dos jovens, o trabalho ideal contempla uma dimensão além do sujeito envolvido, afetando também a vida de outros. Essa afirmativa fica elucidada na seguinte fala:

O trabalho ideal cara, é aquele que vai trazer não só um retorno para você, mas para as pessoas [...] não só trazer um certo benefício para você, mas para seus pais, as pessoas que estão a sua volta, isso para mim é trabalho (Lucas).

Michael diz:

³ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

Para mim, assistência social é um trabalho tranquilo, porque ajuda as pessoas, mostra as pessoas a realidade do que ela está vivendo, que não é aquilo que é de outra maneira.

Cumprir esclarecer que, muitas vezes, os jovens mimetizam o conjunto de profissionais que atuam no cumprimento da medida, associando-os às assistentes sociais. Na visão dos jovens, o trabalho ideal não exige dos seus empregados dedicação total ao “patrão”, diferente do que seria uma ocupação no narcotráfico:

No trabalho [formal] não, você está ganhando, porque você está trabalhando, mas está de boa na sua casa, está ganhando seu lucro e não está vivendo para os outros. No crime você tem que ficar vivendo para o cara ali que te deu a droga, você fica devendo ele e tem que viver para o cara (Michael).

Notamos que as profissões escolhidas muitas vezes representavam uma forma de contraposição ao que era vivenciado no crime:

Virar doutor, né, formar no direito, aí onde eu chegar vou ser reconhecido, vou ter uma profissão, fazer advocacia, ou então virar um delegado, um polícia civil (Pablo).

Entretanto, percebemos que as escolhas deles também mostram a inexistência de horizontes para além da vivência que tiveram no crime. Eles não querem continuar como “malandros”, mas só enxergam profissões associadas ao sistema de recuperação.

Sobre isto, Almeida e Pinho (2008, p.176) relatam que:

[...] a identidade ocupacional forma-se através da autopercepção que o indivíduo tem dos papéis profissionais com os quais tem contato ao longo de sua existência, principalmente no que diz respeito a figuras significativas, como pais, familiares e professores [...].

A experiência no Programa *Se Liga* fornece, então, referências importantes para a construção de reconfiguração de perspectivas profissionais. Mesmo que o alcance destes ideais se mostre uma possibilidade marcada por diferentes desafios, é perceptível que, em um processo de construção contínua, as representações do trabalho foram sendo reconstruídas e ganhando formas mais próximas daquilo defendido como profissões socialmente aceitas.

Todavia, sem desconsiderar a eloquência dos depoimentos, cabe ainda uma reflexão sobre o lugar ocupado pelo pesquisador que realizou as entrevistas. Por este ser também um

representante do Programa *Se Liga*, a fala dos jovens pode ter sido endereçada à representação simbólica que o cargo ocupa. E, como problematiza Ferreira (2014, p.984):

[...] mesmo tentando normativizar [normalizar] procedimentos, não há possibilidade de eliminar eventuais “fatores perturbadores” na situação social que uma entrevista envolve. Este entendimento implica renunciar às reivindicações de neutralidade dos dados obtidos através da entrevista, e reconhecer que o respectivo processo de validação passa pela contextualização das situações sociais em que são produzidos.

Vale dizer, então, que em uma entrevista não é possível construir uma narrativa isolada, uma vez que o narrador nunca está sozinho e, assim, existe conjuntamente uma constante representação associada àquele que lhe interroga.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens que participaram da presente pesquisa deparam-se com grandes dificuldades de inserção, uma vez que fazem parte de um grupo marcado por estigmas e exclusões sociais, baixa escolaridade e, por vezes, não possuem experiências de trabalho formal, fator relevante para conseguir emprego. Os dados coletados em campo, todavia, apontam que a entrada no mercado de trabalho é vista por eles como um meio de integração social.

A pesquisa também mostra que o trabalho possui diferentes sentidos a partir do momento vivido pelos jovens. Fica claro que, quando estavam envolvidos com a criminalidade, o trabalho estava mais vinculado a práticas ilegais, o que foi tomando novas formas a partir das experiências de vida dos entrevistados. O trabalho passou a ganhar um aspecto mais humanizado ou, em outras palavras, deixa de possuir como características a ameaça de morte e prisão, dentre outras atribuições do trabalho na criminalidade.

Ressaltamos que os dados aqui apresentados não podem ser generalizados a todos os jovens e nem mesmo a todo público egresso das medidas socioeducativas, uma vez que houve uma escolha intencional e restrita dos jovens convidados a participarem da pesquisa.

Tendo em vista os aspectos abordados, assim como o direito ao trabalho defendido pela Constituição Federal, pensamos ser importante a efetivação de ação multiprofissional, no âmbito das políticas públicas, que enfoque os fatores simbólicos e práticos levantados nesta pesquisa, contribuindo, assim, para criação de estratégias de inclusão da juventude a condições de trabalho que permitam o desenvolvimento da cidadania, bem como a ascensão social dos jovens. Neste sentido, esta pesquisa aponta a necessidade de criação de políticas mais

efetivas que visem incluir a juventude, sobretudo aquela socialmente excluída, no mercado de trabalho formal.

Por fim, após percebermos a visão positiva e, em muitas vezes, esperançosa dos jovens sobre o trabalho, torna-se possível indicar que estes percebem o trabalho para além do retorno financeiro, sendo, por vezes, o meio possível para inserção em uma vida socialmente aceita, propiciador de novas relações e marco de uma nova trajetória. Considerando tudo o que foi tratado, cabe-nos concordar com Demo (2006, p.16) que afirma ser “vício capitalista reduzir trabalho à expressão produtiva mercantilizada, desprezando todas as outras dimensões infinitas das expressões de desenvolvimento”.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas**. Brasília: Unesco. 2002.

ALEIXO, Klelia Canabrava. **Ato infracional: ambivalências e contradições no seu controle**. Curitiba: Juruá, 2014.

ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba de; PINHO, Luís Ventura de. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Revista Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 173-184, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 maio 2018.

ANDERY, Maria Amélia et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. 436 p.

ANDRADE FILHO, Francisco Antônio de. Trabalho: a expressão fundante da humanização. **Revista Nova Fase**, Recife, ano 3, número especial, p. 73-81, 1999. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/2893/2893.PDF>>. Acesso em: 19 maio 2018.

ARAÚJO, Taisa da Silva et al. O adolescente e o ato infracional: fatores psicossociais que permeiam esta relação. Vitória da Conquista: **C&D-Revista Eletrônica da Fainor**, v. 9, n. 1, p. 26-45, 2016. Disponível em: <<http://srv02.fainor.com.br/revista237/index.php/memorias/article/view/470/261>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

AYRES, Jose Ricardo de Carvalho Mesquita et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In. CZERESNIA, Dina. FREITAS, Carlos Machado de. **Promoção da saúde: conceitos, reflexões e tendências**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2012. Cap. 6, p. 121-144.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, João Paulo Pereira et al. O conceito de "sentido" em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. Florianópolis: Revista

Psicologia e Sociedade, v. 21, n. 2, p. 174-181, ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 jun. 2018.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. **Psicologia e trabalho: apropriações e significados**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando; GONDIM, Sonia Maria Guedes. Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: Discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos. Bogotá: **Avances em Psicología Latino Americana**, v. 32, p. 131-147, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v32n1/v32n1a10.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

CARRER, Davi; COSTA, Marli de Oliveira. A educação a partir das vozes da juventude catarinense. Colatina: **Criar Educação**, v. 6, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Davi-Carrer.pdf>>. Acesso em: 26 de maio de 2018.

COSTA, Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da; ASSIS, Simone Gonçalves de. Fatores protetivos a adolescentes em conflito com a lei no contexto socioeducativo. **Revista Psicol. Soc.** Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 74-81, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 jun. 2018.

COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. (Org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 40-52, Dec. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 de out. de 2018.

DEMO, Pedro. **Trabalho: sentido da vida**. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2006.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cad. Pesqui.** São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 nov. 2017.

FEFFERMANN, Marisa. **Vidas arriscadas: um estudo sobre jovens inscritos no tráfico de drogas**. São Paulo: Vozes, 2006.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde soc.** São Paulo, v. 23, n. 3, p. 979-992, set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902014000300979&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 maio 2018.

FONSECA, João Cesar de Freitas. **Adolescência e trabalho**. São Paulo: Summus, 2003.

GALLO, Alex Eduardo. WILLIAMS, Lucia Cavalcanti de Albuquerque. Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. **Psicologia:**

Teoria e Prática, v.7, n.1, p.87-97, 2005. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/viewFile/1028/745>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

JACOBINA, Olga Maria Pimentel; COSTA, Liana Furtado. “Para não ser bandido”: trabalho e adolescentes em conflito com a lei. Brasília: **Caderno de Psicologia Social do Trabalho**. vol. 10, p. 95-110. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172007000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 maio 2018.

JUNQUEIRA, Maiz Ramos; JACOBY, Márcia. O olhar dos adolescentes em conflito com a lei sobre o contexto social. **Revista Textos e Contextos**, n. 6, dez. 2006. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/26832775.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

LYRA, Diogo. **A república dos meninos: juventude, tráfico e virtude**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.

MALVASI, Paulo Artur; JIMENEZ, Luciene; LEVI, Jeferson. Trabalho no tráfico: reflexões sobre a experiência de jovens brasileiros. In: FILGUEIRAS, Cristina Almeida Cunha; MEDEIROS, Regina. (Org.). **Jovens, trabalho e políticas públicas: anseios e desafios**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2016.

MATSUO, Myrian. **Trabalho informal e desemprego: desigualdades sociais**. 2009. 384 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MEIRELLES, Zilah Vieira; MINAYO GOMEZ, Carlos. Rompendo com a criminalidade: saída de jovens do tráfico de drogas em favelas na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 5, p. 1797-1805, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232009000500021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 de maio de 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

NASCIMENTO, Andréa dos Santos; AVELLAR, Luziane Zacché; BARBOSA, Paola Vargas. **Infância e juventude: promovendo diálogos e construindo ações**. Vitória: GM Editora, 2013.

NAVARRO, Vera Lucia; PADILHA, Valquíria. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Revista Psicologia e Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 14-20, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3093/309326396004.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2018.

PEREIRA, Elisabeth; SALES, Mara Marçal. Os sentidos do trabalho protegido para os jovens em situação de vulnerabilidade social. **Belo Horizonte: Pretextos**, p. 111-130, 2016. Dispo-

nível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/viewFile/13614/10508>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

REIS, Thiago. Em 1 ano, dobra o número de menores cumprindo medida no país, diz CNJ. **G1**. São Paulo, 25 nov. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/11/em-1-ano-dobra-n-de-menores-cumprindo-medidas-no-pais-diz-cnj.html>>. Acesso em: 17 de maio de 2018.

VILELA, Thaísa; BARROS, Vanessa Andrade de. Acerto de contas no trabalho do tráfico de drogas varejista. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 2016, p. 162-181. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v9n2/v9n2a02.pdf>>. Acesso em: 19 de maio de 2018.